

O PROTAGONISMO INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ESCUTA ATENTA COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

CHILDHOOD PROTAGONISM IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION:
ATTENTIVE LISTENING AS A PATHWAY TO KNOWLEDGE CONSTRUCTION

EL PROTAGONISMO INFANTIL EN LA EDUCACIÓN INFANTIL: LA ESCUCHA ATENTA COMO CAMINO PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL CONOCIMIENTO

Marizilda Araújo da Silva¹

RESUMO: Esse artigo buscou discutir o protagonismo infantil na Educação Infantil e destacar a escuta atenta como uma prática pedagógica essencial para a construção do conhecimento. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, com base em levantamento bibliográfico de autores e documentos normativos que abordam a escuta como eixo da prática pedagógica e reconhecem a criança como sujeito de direitos e coautora de suas aprendizagens. Os resultados evidenciaram que, quando escutada de maneira sensível e intencional, a criança se sente pertencente ao ambiente escolar, amplia sua autonomia e contribui ativamente com o processo educativo. A escuta atenta, nesse contexto, não é apenas um recurso metodológico, mas uma postura ética e política que desafia práticas adultocêntricas e fortalece uma educação mais democrática e humanizada. Conclui-se que a valorização da escuta e do protagonismo infantil requer investimento na formação docente, reorganização das rotinas escolares e revisão das concepções de infância. Escutar verdadeiramente a criança é reconhecer sua potência e sua capacidade de transformar o mundo com suas pequenas mas poderosas vozes.

999

Palavras-chave: Educação Infantil. Protagonismo Infantil. Escuta Atenta.

ABSTRACT: This article aimed to discuss childhood protagonism in Early Childhood Education and highlight attentive listening as an essential pedagogical practice for the construction of knowledge. The research was based on a qualitative approach, using bibliographic review of authors and official documents that present listening as a central element of educational practice and recognize the child as a subject of rights and co-author of their own learning. The results showed that when children are listened to in a sensitive and intentional way, they feel a sense of belonging to the school environment, develop autonomy and actively contribute to the educational process. In this context, attentive listening is not merely a methodological tool, but an ethical and political stance that challenges adult-centered practices and strengthens a more democratic and humanized education. It is concluded that valuing listening and childhood protagonism requires investment in teacher training, reorganization of school routines, and a revision of conceptions about childhood. Truly listening to the child is recognizing their power and their capacity to transform the world with their small yet powerful voices.

Keywords: Early Childhood Education. Child Protagonism. Attentive Listening.

¹Mestrado em Educação Especializado em Formação de Professores pela Universidade Europeia Del Atlántico.

RESUMEN: Este artículo buscó discutir el protagonismo infantil en la Educación Infantil y resaltar la escucha atenta como una práctica pedagógica esencial para la construcción del conocimiento. La investigación se desarrolló desde un enfoque cualitativo, a partir de una revisión bibliográfica de autores y documentos normativos que presentan la escucha como eje de la práctica educativa y reconocen al niño como sujeto de derechos y coautor de sus aprendizajes. Los resultados demostraron que, cuando es escuchado de manera sensible e intencional, el niño se siente parte del ambiente escolar, amplía su autonomía y contribuye activamente al proceso educativo. En este contexto, la escucha atenta no es solo una herramienta metodológica, sino una postura ética y política que desafía prácticas adultocéntricas y fortalece una educación más democrática y humanizada. Se concluye que valorar la escucha y el protagonismo infantil exige inversión en la formación docente, reorganización de las rutinas escolares y revisión de las concepciones sobre la infancia. Escuchar verdaderamente al niño es reconocer su potencia y su capacidad para transformar el mundo con sus pequeñas pero poderosas voces.

Palabras clave: Educación Infantil. Protagonismo Infantil. Escucha Atenta.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a infância no contexto da educação é mergulhar em um universo de descobertas, imaginação, afetos e possibilidades. A criança não deve ser vista como alguém que “ainda vai ser”, mas sim como alguém que já é, com voz própria, sentimentos intensos e modos muito singulares de se expressar e compreender o mundo. A Educação Infantil, nesse sentido, precisa ir além da simples preparação para o ensino formal e se consolidar como um espaço onde a escuta, a participação e a valorização das múltiplas linguagens infantis sejam princípios fundamentais. No entanto, ainda é comum observar práticas que limitam a autonomia da criança e reproduzem uma lógica adultocêntrica, em que o educador dita os caminhos sem ouvir com profundidade aqueles que vivem a experiência educativa de forma mais sensível: as próprias crianças.

1000

Esse cenário levanta um problema urgente e delicado: como promover, de fato, o protagonismo infantil em contextos onde a rotina, os planejamentos engessados e o excesso de controle ainda predominam? Como cultivar, no educador, a escuta genuína que acolhe as falas, os gestos, os silêncios e os desejos das crianças como formas legítimas de expressão e construção de conhecimento? Não se trata apenas de permitir que a criança participe, mas de criar um ambiente em que ela seja convidada, provocada e respeitada em sua essência, com tempo e espaço para ser escutada de verdade. O problema, portanto, está na distância entre o discurso legal e teórico que valoriza o protagonismo infantil e a prática pedagógica cotidiana que muitas vezes ainda o invisibiliza.

Diante disso, este artigo tem como objetivo discutir a importância da escuta atenta como caminho para efetivar o protagonismo infantil na Educação Infantil, compreendendo essa escuta como um ato pedagógico, político e afetivo. Ao tratar da escuta como ferramenta de transformação das práticas educativas, parte-se do entendimento de que a criança é sujeito de direitos, de cultura, de linguagem e de conhecimento. Assim, a proposta é analisar como a escuta pode ser incorporada de forma real nas ações do educador e como ela possibilita que a criança construa sentido sobre o mundo a partir de suas próprias experiências, investigações e relações.

A relevância da discussão encontra sustentação em documentos legais como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que reconhecem a escuta e a participação como direitos das crianças pequenas. Apesar disso, há um descompasso entre o que se defende nas legislações e o que efetivamente acontece nas instituições. A escuta muitas vezes é seletiva, pontual ou meramente formal, sem o comprometimento real com a valorização das infâncias. Justifica-se, portanto, a realização deste estudo como forma de contribuir com reflexões e práticas mais coerentes com a infância e com o direito à escuta verdadeira, em uma educação que se faz com as crianças, e não apenas para elas.

1001

Por fim, é fundamental compreender que falar de protagonismo infantil não é romantizar a infância, tampouco desresponsabilizar o adulto de seu papel mediador, mas sim repositionar a criança no centro da ação pedagógica, garantindo-lhe voz, vez e visibilidade. A escuta atenta, quando praticada de forma ética, sensível e constante, transforma o educador em um parceiro da criança na construção de sentidos e saberes. Este artigo se propõe, portanto, a lançar luz sobre essa dimensão muitas vezes negligenciada e a defender que a escuta é mais do que uma técnica: é uma postura que exige presença, empatia e disposição para aprender com as infâncias em sua plenitude.

MÉTODOS

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza bibliográfica, de abordagem qualitativa, que buscou, por meio da análise de produções teóricas e documentos oficiais, compreender de que maneira o protagonismo infantil e a escuta atenta têm sido abordados no contexto da Educação Infantil. Trata-se de uma investigação que se apoia no diálogo com autores que discutem infância, pedagogia da escuta, participação e construção do conhecimento, com o objetivo de fortalecer uma compreensão sensível e crítica sobre o tema. A

escolha pela pesquisa bibliográfica se justifica pela intenção de aprofundar a reflexão a partir de saberes já sistematizados, respeitando o acúmulo de estudos e experiências que iluminam o cotidiano escolar com olhares atentos às infâncias.

Foram selecionadas obras teóricas relevantes de autores como Rinaldi (2012), Oliveira-Formosinho e Araújo (2011), Silva (2020), entre outros estudiosos da infância e da prática pedagógica na Educação Infantil. Além disso, foram analisados documentos normativos como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), que orientam legalmente o trabalho pedagógico e reafirmam o direito das crianças à participação e à escuta qualificada. A seleção do material seguiu os critérios de atualidade, relevância teórica, consistência conceitual e disponibilidade em língua portuguesa, prezando por fontes acessíveis e confiáveis.

A análise das obras foi realizada com base na leitura interpretativa e crítica, identificando as contribuições centrais de cada autor, as convergências e divergências entre os discursos e as possibilidades de articulação com a prática pedagógica. Buscou-se ir além da simples descrição dos textos, adotando uma postura investigativa que permitisse compreender as implicações do conceito de escuta para o cotidiano das instituições de Educação Infantil. O levantamento bibliográfico também foi orientado por palavras-chave como “protagonismo infantil”, “escuta”, “Educação Infantil”, “infâncias” e “participação”, utilizadas nas buscas em bases digitais acadêmicas e bibliotecas virtuais.

É importante destacar que, embora não tenha envolvido coleta de dados em campo, esta pesquisa se ancora em vivências reais e em produções que emergem diretamente das experiências escolares. A bibliografia utilizada contempla estudos empíricos já realizados por outros autores, cujas observações e análises contribuem de forma significativa para refletir sobre os desafios e potencialidades do protagonismo infantil na escola. Assim, o caminho metodológico escolhido valoriza a escuta dos saberes já construídos, respeitando a complexidade da temática e reafirmando o compromisso com uma prática educativa sensível, crítica e aberta ao diálogo com a criança em sua inteireza.

RESULTADOS

A literatura contemporânea tem reforçado a importância de práticas pedagógicas centradas na criança como sujeito ativo do processo educativo. Autores como Oliveira-Formosinho e Araújo (2011) destacam que o protagonismo infantil não é uma concessão do

adulto, mas um direito fundamental da criança, que deve ser reconhecida como coautora de suas aprendizagens. A escuta atenta, nesse contexto, aparece como uma postura pedagógica essencial para que as crianças possam expressar suas ideias, sentimentos e hipóteses sobre o mundo.

Rinaldi (2012), ao falar da experiência de Reggio Emilia, ressalta que a escuta é mais do que uma habilidade técnica trata-se de uma atitude ética e política do educador que se compromete com a escuta do outro em sua inteireza. Essa abordagem rompe com práticas autoritárias e verticais, propondo uma pedagogia dialógica, em que a escuta permite compreender o pensamento infantil e construir caminhos de aprendizagem mais significativos e contextualizados.

Segundo Silva (2020), a escuta na Educação Infantil deve ser exercida com intencionalidade e sensibilidade. Isso significa que o educador precisa estar presente, disponível e disposto a acolher os modos diversos como as crianças se comunicam por meio da linguagem verbal, dos gestos, do brincar, do silêncio, do olhar. Escutar é, portanto, legitimar essas formas de expressão como conhecimento em construção.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) reforça esse entendimento ao afirmar que as crianças devem ser escutadas e respeitadas em suas múltiplas formas de se expressar. O documento orienta que os objetivos de aprendizagem sejam alcançados a partir das vivências infantis e de sua curiosidade natural, valorizando sua participação ativa nas decisões cotidianas da escola.

1003

Em diálogo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), percebe-se uma coerência quanto ao reconhecimento da criança como protagonista. As DCNEI propõem que a escuta seja um princípio estruturante do trabalho pedagógico e que os professores estejam atentos aos interesses e necessidades das crianças como ponto de partida para o planejamento das atividades.

De acordo com Sarmento (2005), o protagonismo infantil precisa ser compreendido a partir de uma lógica de pertencimento. Para ele, ser protagonista não é apenas “ter vez e voz”, mas sentir-se parte do coletivo, contribuir com decisões, participar da vida escolar de maneira autêntica. Isso só é possível quando há escuta sensível por parte dos adultos.

Bondioli (2004) reforça que o protagonismo está relacionado à capacidade da criança de influenciar o contexto em que vive. Em ambientes educativos que valorizam a escuta, as crianças não apenas aprendem mais, mas sentem-se mais respeitadas, desenvolvem autonomia

e fortalecem sua autoestima. O contrário também é verdadeiro: onde não há escuta, há silenciamento, exclusão e apagamento das infâncias.

Para Barbosa e Horn (2018), a escuta é a porta de entrada para práticas pedagógicas mais democráticas e colaborativas. Elas defendem que o educador deve aprender a escutar com os olhos, com o corpo, com o coração, superando a lógica do comando e controle para assumir uma postura de presença e escuta genuína.

Pesquisas como a de Macedo (2021), que investigou práticas pedagógicas em centros de Educação Infantil no Brasil, evidenciam que quando o educador se propõe a escutar as crianças de forma constante e comprometida, há uma transformação nas relações escolares. A escuta qualificada permite compreender os saberes infantis e desenvolver propostas mais coerentes com os interesses e necessidades dos pequenos.

No mesmo sentido, estudos de Barbosa (2012) apontam que projetos pedagógicos construídos a partir da escuta ativa das crianças tendem a ser mais significativos, pois partem das experiências reais dos alunos. Ela afirma que “as crianças sabem muito sobre o que querem aprender, como querem aprender e com quem querem aprender”, e cabe ao educador se abrir a essas vozes.

1004

Outro ponto recorrente nas produções analisadas é o papel da escuta na construção da autonomia infantil. De acordo com Kramer (2007), a escuta verdadeira valoriza a criança como alguém capaz de fazer escolhas, propor soluções e refletir sobre o que vive. Isso contribui para a formação de sujeitos críticos e participativos, desde os primeiros anos de vida.

O documento "Indicadores da Qualidade na Educação Infantil" (BRASIL, 2009) também evidencia a escuta como critério fundamental para avaliar a qualidade das práticas escolares. A escuta é entendida ali como reconhecimento do protagonismo infantil e como elemento central na construção de vínculos entre crianças e adultos.

Na prática, a escuta se traduz em ações concretas como rodas de conversa, registro das falas infantis, escolha compartilhada de brincadeiras, tempo para o livre brincar e valorização das produções das crianças. De acordo com Oliveira (2020), essas estratégias favorecem a escuta mútua e a criação de um ambiente de respeito, confiança e construção coletiva de saberes.

Ramos e Costa (2019) defendem que a escuta também deve ser estendida às famílias, reconhecendo os saberes dos territórios e criando conexões entre a escola e o contexto de vida das crianças. Essa perspectiva amplia o conceito de escuta para além da relação direta educador-criança, incluindo toda a rede que cerca a infância.

Há, portanto, um entendimento comum na literatura de que o protagonismo e a escuta caminham juntos: não há como pensar em um sem considerar o outro. Quando a criança é escutada de forma autêntica, ela se sente segura para participar, propor, perguntar e construir sentidos sobre aquilo que vivencia. Isso fortalece seu papel como agente ativo da própria aprendizagem.

Vale destacar que escutar não significa dizer “sim” a tudo, mas considerar com respeito o que a criança traz, dialogar com seus argumentos e, quando necessário, explicar os limites. Como afirma Rocha (2018), escutar é negociar sentidos, é construir um espaço de convivência onde a voz da criança tenha peso real nas decisões.

Dessa forma, os autores analisados apontam que a escuta não deve ser vista como um momento isolado da prática, mas como um eixo que atravessa todas as ações pedagógicas. Ela se expressa na maneira como o educador organiza o espaço, conduz a rotina, propõe atividades e interpreta o comportamento das crianças.

Quando a escuta é incorporada de forma consciente e contínua, ela contribui para a formação de vínculos afetivos entre educadores e crianças. Esses vínculos são fundamentais para o desenvolvimento socioemocional, pois a criança que se sente ouvida também se sente valorizada, protegida e respeitada em sua singularidade (CAMPOS; ROSENBERG, 2009).

1005

Por fim, os estudos analisados convergem ao afirmar que escutar a criança é também escutar a infância como um tempo de potência e não de falta. É reconhecer que a criança não está a caminho de ser alguém, mas que já é inteira, sensível e potente. A escuta, quando real, permite que ela seja autora de sua própria história, mesmo dentro dos limites e possibilidades do ambiente escolar.

DISCUSSÃO

Os dados levantados a partir da literatura analisada apontam para um consenso essencial: a escuta atenta é uma condição indispensável para o exercício do protagonismo infantil na Educação Infantil. Essa escuta, no entanto, não se limita à atenção às palavras ditas pelas crianças. Ela exige sensibilidade para perceber os gestos, os olhares, as resistências e as descobertas que surgem em cada interação. Escutar, nesse contexto, é acolher o outro com respeito e presença, reconhecendo a infância como uma fase cheia de sentido e de potência. Como defendem Oliveira-Formosinho e Araújo (2011), escutar a criança é colocá-la no centro das decisões pedagógicas, respeitando sua subjetividade e suas múltiplas linguagens.

É importante destacar que o protagonismo infantil não é apenas um discurso bonito ou uma meta idealizada. Ele exige práticas concretas que permitam à criança opinar, escolher, participar, errar, recomeçar e, sobretudo, ser levada a sério em suas intenções. A literatura aponta que esse protagonismo se manifesta nas pequenas escolhas do cotidiano, nas perguntas feitas durante a roda de conversa, nas propostas de brincadeiras, nas hipóteses construídas com base em suas vivências. Quando o educador escuta com intencionalidade, ele transforma o planejamento em algo vivo, em constante adaptação, e o ambiente em um espaço de construção coletiva do saber (RINALDI, 2012).

Essa postura, no entanto, ainda encontra muitos desafios para se consolidar nas instituições. A lógica da produtividade, do controle de tempo, das metas rígidas e da padronização muitas vezes sufoca a espontaneidade infantil e empobrece a relação educativa. Como ressaltam Barbosa e Horn (2018), é preciso romper com uma pedagogia que ensina para a criança, e não com ela. Isso exige coragem dos educadores e das instituições para reverem seus modelos de ensino, suas rotinas, seus espaços físicos e suas formas de avaliação. A escuta, nesse cenário, não é um detalhe, mas um eixo de mudança profunda.

Outro ponto que emerge da análise é a necessidade de formação docente contínua para que o educador desenvolva sua capacidade de escuta com consciência crítica e afeto. Escutar verdadeiramente a criança exige mais do que boa vontade requer preparo, estudo, abertura e uma certa humildade diante do saber que o outro carrega. Como afirma Rocha (2018), o educador precisa aprender a escutar com o corpo inteiro: com os olhos que observam, com o coração que acolhe e com a mente que reflete. Escutar é também estar disposto a mudar, a reavaliar práticas e a reconhecer os limites da própria escuta.

Por fim, a escuta atenta precisa ser entendida como uma escolha política. Optar por escutar a criança é romper com o silêncio imposto historicamente à infância, é legitimar seu lugar na sociedade e na escola. É afirmar que a criança não é um projeto de futuro, mas alguém que vive plenamente o presente e tem muito a ensinar ao mundo adulto. A partir dessa escuta, nasce uma pedagogia mais democrática, mais sensível e mais potente, onde o saber é construído em diálogo, e a escola se torna um lugar de afeto, respeito e liberdade. Escutar, nesse sentido, é também resistir: resistir à pressa, ao automatismo e à indiferença que ainda permeiam muitos espaços educativos.

CONCLUSÃO

Ao longo deste estudo, foi possível perceber que falar sobre protagonismo infantil na Educação Infantil é muito mais do que defender um conceito bonito ou moderno é assumir um compromisso ético e afetivo com as infâncias. A criança precisa ser reconhecida como alguém que já está no mundo com saberes, desejos, perguntas e sentimentos que merecem ser escutados com atenção, respeito e delicadeza. O protagonismo, nesse contexto, não se dá por imposição ou concessão do adulto, mas como direito legítimo e inegociável da criança de participar ativamente da sua jornada de aprendizagem.

A escuta atenta se mostrou, em todos os autores analisados, como um caminho potente para a valorização desse protagonismo. Escutar não é apenas ouvir; é estar presente, é acolher com empatia, é reconhecer a importância do que a criança diz mesmo quando ela ainda não domina totalmente a linguagem verbal. A escuta se concretiza nas atitudes diárias do educador: na forma como ele olha, pergunta, responde, espera e se deixa afetar pelas expressões infantis. Quando essa escuta se torna prática cotidiana, o ambiente escolar se transforma em um espaço de confiança, pertencimento e coautoria do conhecimento.

Ficou evidente também que, embora os documentos oficiais como a BNCC e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil apontem claramente para a importância da escuta e da participação das crianças, ainda há um longo caminho para que essas diretrizes se realizem plenamente nas instituições. Isso exige uma mudança profunda nas práticas pedagógicas, nas concepções de infância e, sobretudo, na postura dos adultos. Mais do que seguir um currículo, o educador precisa se colocar em constante movimento de reflexão e abertura, reconhecendo que escutar a criança é também escutar a si mesmo e rever suas certezas.

Outro ponto fundamental é que a escuta atenta, quando incorporada com intencionalidade e sensibilidade, não favorece apenas o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também sua dimensão emocional, relacional e ética. Crianças que se sentem ouvidas desenvolvem maior autoestima, autonomia, empatia e senso de responsabilidade coletiva. Elas aprendem, desde cedo, que suas vozes importam e que seus pensamentos são levados a sério. Isso contribui diretamente para a construção de uma escola mais democrática, acolhedora e transformadora — uma escola que aprende com as infâncias.

Diante de tudo isso, conclui-se que promover o protagonismo infantil por meio da escuta atenta é um gesto profundamente político, que desafia modelos autoritários e valoriza a potência

criativa das crianças. É por meio da escuta verdadeira que se constrói uma educação com sentido, que respeita a singularidade de cada sujeito e que aposte no diálogo como base para todo processo de aprendizagem. Que cada educador possa, a seu modo, cultivar essa escuta em sua prática, permitindo que as crianças deixem marcas, transformem rotinas e ensinem aos adultos novas formas de olhar, de sentir e de existir no mundo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Planejamento na educação infantil: fundamentos e práticas.** Porto Alegre: Artmed, 2012.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria das Graças Souza. **Organização do trabalho pedagógico na educação infantil: reflexões sobre o cotidiano.** Porto Alegre: Penso, 2018.

BONDIOLI, Anna. **Avaliação na educação infantil: uma prática reflexiva.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 05 ago. 2025.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: MEC, 2009. 1008

BRASIL. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2009.

CAMPOS, Maria Malta; ROSENBERG, Fúlvia. **Cuidar e educar: questões sobre o perfil dos profissionais da educação infantil no Brasil.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 137, p. 87-110, jul. 2009.

KRAMER, Sonia. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do possível.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MACEDO, Maria Antonieta Antunes de. **Diálogo com saberes da infância: a escuta como princípio formativo.** Revista Educação em Foco, v. 24, n. 2, p. 203-220, 2021.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2020.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAÚJO, Sandra. **A participação das crianças na creche: um estudo etnográfico em contextos portugueses.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 126-147, maio/ago. 2011.

RAMOS, Mariana Ferreira; COSTA, Amanda dos Santos. **A escuta das famílias na Educação Infantil: desafios e possibilidades.** Revista Eletrônica de Educação, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 349-366, 2019.

RINALDI, Carla. *In defesa of the rights of children: the experience of Reggio Emilia*. Brasília: UNESCO; São Paulo: Fundação SM, 2012.

ROCHA, Eloísa Oliveira. *A escuta sensível na Educação Infantil: o desafio de reconhecer as crianças como sujeitos de direitos*. Revista Infância, v. 4, n. 7, p. 15–30, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. *Sociologia da infância: perspectivas contemporâneas*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 29, p. 80–98, jan./abr. 2005.

SILVA, Caroline de Paula. *A escuta como prática pedagógica na Educação Infantil: caminhos possíveis para o protagonismo da criança*. Revista Educação e Políticas em Debate, v. 9, n. 2, p. 77–92, 2020.